

homenagem *in memoriam*

uma homenagem a emília viotti da costa (1928-2017)* a tribute to emília viotti da costa (1928-2017)

Maria Alice Rosa Ribeiro**

Departamento de Economia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, Brasil

Emília Viotti da Costa faleceu em São Paulo, no dia 2 de novembro de 2017. A ABPHE presta uma homenagem à historiadora que deixou um legado de estudos pioneiros e de referência obrigatória e permanente.

Emília nasceu na cidade de São Paulo em 10 de fevereiro de 1928, filha de Albano da Costa e Zilda Viotti da Costa¹. Fez curso primário na Escola Estadual Caetano de Campos. Entre 1940 e 1945, cursou o secundário no Colégio Mackenzie e no último ano transferiu-se para o Colégio Visconde de Porto Seguro.

* O presente texto foi publicado no livro Saes; Ribeiro; Saes (2017, p. 174-179). Para constar da homenagem, o texto sofreu pequenas alterações.

Submetido/aceito: 28 de novembro de 2017.

** Professora livre-docente aposentada pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Araraquara. Pesquisadora colaboradora no Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas.

¹ O pai de Emília era português e veio para o Brasil com a idade de 6 anos. Quando adulto, optou pela cidadania brasileira. Era representante comercial de firmas do Norte e Nordeste em São Paulo. A mãe era de família da elite econômica e política, que perdera patrimônio, descendentes do Conselheiro Brotero. Segundo Emília, a família de sua mãe vivia das glórias do passado; como resquícios da riqueza passada, sua mãe conhecia literatura, teatro e música; era uma leitora voraz, segundo a descrição de Emília na entrevista concedida a Sylvania Bassetto em 1999 (Bassetto, 1999, p. 15).

Em 1946, encerrado o curso secundário, com apenas 18 anos, casou-se com Décio de Mattos Nogueira, natural de Campinas. Na ocasião do casamento, do registro civil constava que Emília exercia “prendas domésticas”, passando a assinar Emília da Costa Nogueira. Dez anos depois foi realizado o desquite amigável do casal e Emília voltou a assinar o nome de solteira. Assim registravam os documentos apresentados para inscrição no concurso para livre-docência para a cadeira de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, FFCL/USP, em 1964 (FFLCH, Processo n° 64.1.1106.8.8, 1964, p. 2-3).

Dois anos após o término do secundário, Emília ingressou no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCL/USP, licenciando-se em 1951. Nessa época o curso já não contava com os professores franceses responsáveis pelas cadeiras, como havia sido no início. Agora quase todas as cadeiras eram ocupadas por seus discípulos². Enquanto cursava licenciatura, Emília foi contratada como professora de História Geral do curso secundário no Instituto Mackenzie. Entre os anos de 1951 e 1953 fez o Curso de Especialização em História Medieval, Moderna e Contemporânea oferecido pela FFCL-USP. Ao término do curso de especialização, em 1953, prestou concurso para o magistério secundário e normal para as cadeiras de História Geral e do Brasil e de Geografia Geral e do Brasil, sendo aprovada em primeiro e em terceiro lugar, respectivamente (FFLCH, Processo n° 64.1.1106.8.8, 1964, p. 10-11).

Em 1953, Emília obteve do governo francês uma bolsa de estudos de um ano (1953-1954). Assim, sua formação acadêmica prosseguiu em Paris, onde fez três cursos na École Pratique des Hautes Études, VI^{ème} Section Sorbonne: Les rapports entre la Sociologie et L'Histoire, ministrado por George Gurvitch; Histoire Economique et Sociale de la France (1790-1850), ministrado por Paul Leuilliot; Histoire Economique

² Segundo Emília, à exceção de uns poucos, os discípulos “não faziam jus aos nomes ilustres que os haviam precedido” (Bassetto, 1999, p. 16). Os catedráticos sucessores dos professores franceses Fernand Paul Braudel, Jean Gagé e Émile-Guillaume Léonard foram Eurípedes Simões de Paula, na cátedra de História da Civilização Antiga e Medieval; Eduardo d’Oliveira França na de História da Civilização Moderna e Contemporânea. A cadeira História da Civilização Americana era de responsabilidade do prof. Paul Vanorden Shaw, da Universidade de Columbia, New York. Quando a deixou em 1946, assumiu a cátedra Astrogildo Rodrigues de Mello.

et Sociale de la Revolution, ministrado por Ernest Labrousse. Para concluir sua estada em Paris, realizou um curso de história da pintura francesa na École du Louvre.

Na volta ao Brasil, assumiu encargos de docência em três cursos em três localidades diferentes³: em Jundiá, professora catedrática de História Geral e do Brasil no Instituto de Educação de Jundiá; em Sorocaba, professora responsável pela cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba; em São Paulo, professora auxiliar, sem remuneração, na cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea na FFCL/USP, cujo catedrático era Eduardo d'Oliveira França. Somente em 1956 tornou-se professora assistente contratada da respectiva cadeira, e então começou a escrever sua tese de doutoramento sob orientação de Sérgio Buarque de Holanda, professor da cadeira História da Civilização Brasileira⁴. Assim permaneceu por um ano e meio, quando pediu demissão. Na entrevista concedida a Sylvia Bassetto, Emília explica o motivo de ter tomado uma decisão tão corajosa de enfrentar o catedrático e colocar em risco sua permanência na FFCL.

O incidente que levou a essa decisão teve a ver com o nascimento de uma segunda filha. Quando anunciei que precisaria um ajustamento do horário para amamentar, o professor Oliveira França me fez um discurso dizendo que se eu pretendia ter filhos nunca seria uma intelectual. Furiosa, disse a ele que, se pretendia cercar minha vida pessoal, eu preferia me demitir. Foi o que fiz. No dia seguinte apresentei a demissão do cargo que tanto almejava. Comecei então a dar aulas num curso de Introdução aos

³ Em entrevista a Sylvia Bassetto, Emília conta que de Paris foi para Sertãozinho, a 400 km de São Paulo, para ensinar na escola estadual, mas no Memorial apresentado para inscrição no concurso de livre-docência em 1964 não há o registro (Bassetto, 1999, p. 20; FFLCH, Processo nº 64.1.1106.8.8, p. 8-15).

⁴ A cadeira de História da Civilização Brasileira (HCB), criada em 1934, sempre teve como catedráticos professores brasileiros. Começou a ser ministrada, em 1936, por Afonso D'Escragolle Taunay (1876-1958) que permaneceu até 1938/1939, quando pediu demissão para continuar como Diretor do Museu Paulista. Alfredo Ellis Jr. (1896-1974) substituiu Taunay em 12/04/1939, permanecendo catedrático até 1957, quando foi substituído por Sérgio Buarque de Holanda. Em 1969, Sérgio Buarque de Holanda pediu demissão em apoio e solidariedade aos colegas aposentados compulsoriamente pelo AI-5, entre eles, Emilia Viotti da Costa (Ribeiro, 2017, p. 181).

Estudos Históricos recém-criado no Departamento e recebi, depois de algum tempo, minha indicação para a nova posição. Encerrara um capítulo importante de minha vida para começar um novo. (Bassetto, 1999, p. 21)

Emília perdeu o vínculo com a cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea e com qualquer outra cadeira do Departamento de História, mas continuou a ministrar aulas no Curso de Introdução aos Estudos Históricos da FFCL/USP, independente das cadeiras. De maio de 1958 até setembro de 1960, ministrou aulas sem remuneração, pois fora contratada como professora assistente extranumerária. Sua renda vinha do emprego como professora de História Geral e do Brasil no Colégio de Aplicação, unidade de ensino secundário pertencente à FFCL/USP, para o qual havia prestado concurso em 1957, sendo aprovada em primeiro lugar⁵. Em outubro de 1960, finalmente, foi contratada como professora assistente do Curso de Introdução aos Estudos Históricos e dois anos depois passou a Instrutora do Curso de Metodologia Histórica, com remuneração regular. Só então parou de ministrar aulas no Colégio de Aplicação e passou a se dedicar com exclusividade à FFCL/USP.

O próximo passo na carreira foi o concurso para livre-docência da cadeira História da Civilização Brasileira (HCB). Segundo Emília, quando ainda era aluna, o “setor mais fraco” da FFCL/USP era justamente a cadeira de História da Civilização Brasileira, cujo regente, o professor Alfredo Ellis Jr., estava “bastante alquebrado” e “limitava a dar seus cursos baseados nos seus livros, que na maioria versavam sobre São Paulo” (Bassetto, 1999, p. 17). Contratado em 1958, após aprovação no concurso para cátedra de História da Civilização Brasileira, Sérgio Buarque de Holanda, com seu vasto conhecimento de História do Brasil e experiência no Museu Paulista, trouxe novas ideias, novos temas de estudos para a HCB. Assim, a chegada do Dr. Sérgio, como era chamado por seus alunos, e a abertura de concurso para livre-docência renovaram a área de ensino e pesquisa em História do Brasil. Em 1963, Nícia Villela

⁵ Segundo Emília, o Colégio de Aplicação da FFCL foi organizado de acordo com as orientações do filósofo norte-americano, John Dewey. Considerado “colégio-modelo”, tinha por objetivo “treinar professores para desenvolver a observação e o espírito crítico dos jovens, qualidades consideradas essenciais para a democracia num mundo em mudança” (Bassetto, 1999, p. 22).

Luz ocupava o cargo de instrutora de ensino na cadeira HCB, com regime de dedicação integral à docência e à pesquisa. Myriam Ellis e Maria Thereza Schorer Petrone colaboravam como assistente e auxiliar de ensino. No concurso de livre-docência de 1964 foram aprovadas as duas candidatas inscritas Nícia e Emília, o que reforçou a consolidação da área (Ribeiro, 2017, p. 162-190).

Quando da realização do concurso, Emília não possuía o título de doutor, condição para prestar o concurso, porém, a banca examinadora, formada por Sérgio Buarque de Holanda, Eurípedes Simões de Paula, Brasil Pinheiro Machado⁶, Francisco Iglésias⁷ e José Wanderley de Araújo Pinho⁸, a qualificou com base na formação profissional, na atuação no ensino secundário e superior de História e nas publicações em revistas especializadas. Eurípedes Simões de Paula foi o único membro da banca examinadora a levantar a questão referente à ausência do título de doutor. Em suas palavras: “É pena que não tenha ainda, seu grau de doutor, mas o título de ‘mestre’ obtido em tão conceituada universidade quase é equivalente” (FFLCH, Processo 64.1.1106.8.8, 1964). Entretanto, o parecer de Sérgio Buarque de Holanda, ao capacitar a candidata como apta a prestar o concurso, resume a posição dos demais membros da banca examinadora:

Julgo que os títulos apresentados pela candidata Sra. Emília Viotti da Costa a habilitam para a livre-docência pelos motivos que passo a expor: 1. Tem formação científica no país e no estrangeiro que autorizam sua habilitação; 2. Suas atividades didáticas no ensino secundário e superior correspondem a sua formação científica; 3. Têm trabalhos publicados de bom nível em periódicos especializados ou não acerca de problemas de histo-

⁶ Brasil Pinheiro Machado (1907-1997) era professor de História do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (Marchette, 2013).

⁷ Francisco Iglésias (1923-1999) era professor de História Econômica, Política e Social da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Iglésias substituiu Alice Piffer Canabrava, que não pôde compor a banca por estar em um congresso no Chile (FFLCH, Processo 64.1.1106.8.8).

⁸ José Wanderley de Araújo Pinho (1890-1967) foi professor catedrático de História do Brasil na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, Membro do Arquivo Histórico de Salvador, terceiro-vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PINHO,%20Wanderley.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

riografia e de História; 4. Foi estagiária nos Arquivos Nacionais da França e frequentou cursos com bolsa de estudos na École Pratique des Hautes Études e na École du Louvre. (FFLCH, Processo n. 64.1.1106.8.8, p. 40)

Ao iniciar a arguição a candidata sobre a tese de livre-docência, apresentada ao concurso, intitulada *Escravidão nas áreas cafeeiras: aspectos econômicos, sociais e ideológicos da desagregação do sistema de escravista*, Sérgio Buarque de Holanda (SBH) referiu-se às “características especiais” de que se revestia a sua participação na banca examinadora, pois na primeira fase da elaboração da tese, ela se destinava ao doutoramento, e ele havia assumido o encargo de orientador, porém, no meio do caminho, houve mudanças de rumos e a tese passou a ser destinada ao concurso de livre-docência. Assim, na qualidade de orientador, Sérgio Buarque de Holanda (SBH) teve oportunidade de ler o trabalho e fazer críticas que foram prontamente incorporadas. Avaliava que o “simples fato de ter aceito a orientação do trabalho, já revela o seu reconhecimento do valor do mesmo” (Andrada e Silva; Castro, 1966, p. 268, 275).

Durante a defesa, a crítica que SBH e outros examinadores fizeram à tese é, ao mesmo tempo, uma das suas qualidades – o “excesso de pesquisa”, pois Emília deu a conhecer aos leitores, alunos, professores e pesquisadores uma imensa massa de documentos de natureza diversa. Entretanto, o que SBH e os demais apontaram é que o excesso ou a “utilização de um processo acumulativo” acabou por obscurecer o “esqueleto, a urdidura, o entrosamento, a articulação dos diferentes aspectos” (Andrada e Silva; Castro, 1966, p. 274, 275).

De fato, a tese apresentada era imensa, composta por três volumes que totalizaram 1001 páginas⁹, reuniu informações extraídas de acervo documental conservado em arquivos, ainda não explorado pelos historiadores, relatos de viajantes que percorreram as localidades do Vale do Paraíba, Minas Gerais e São Paulo no século XIX e descreveram em minúcias a escravidão. Anais das Assembleias Provinciais e da Câmara, Anais do Senado, Relatórios dos Ministros e Presidentes de Províncias,

⁹ A tese foi publicada, em 1966 com o título *Da senzala à colônia*, pela Difel, reduzida à metade (499 páginas). No entanto, comparando a versão mimeografada (1964) e a impressa (1966) parece que não houve grande alteração no conteúdo. Talvez, a redução tenha sido resultado da editoração. Hoje, *Da senzala à colônia* está na 5ª edição publicada pela editora da UNESP.

coleção de leis até manuais dos lavradores, literatura, almanaques, livros de memória etc. nada escapou à pesquisadora, como os arguidores foram unânimes em constatar. O objetivo central era analisar o processo de desagregação do sistema escravista na economia cafeeira do sudeste brasileiro (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), mas a Autora imprime uma abordagem inovadora, distinta da adotada até então pelos historiadores, que consideravam a abolição como “produto exclusivo da agitação abolicionista dentro e fora do parlamento” (Costa, 2010, p. 26). A historiadora parte do movimento abolicionismo e da participação dos escravos na luta pela liberdade como decisivos para a abolição da escravidão, porém, queria ir além. O que a inquietava era como “fora possível abolir uma instituição tão arraigada em nossa cultura, sem provocar uma profunda convulsão social” (Bassetto, 1999, p. 22). Para responder sua inquietação, estuda os aspectos econômicos, sociais, políticos e ideológicos que marcaram o longo processo de extinção de uma instituição que perdurou por mais de três séculos no Brasil. Delimita o espaço investigado e privilegia as áreas cafeeiras fluminenses, mineiras e paulista do Vale do Paraíba e do Centro-Oeste paulista, onde se concentrava o maior contingente de escravos, assentava-se a base da economia exportadora e, conseqüentemente, instalou-se o palco das mais profundas transformações sociais, políticas e econômicas: primeiras experiências com trabalho livre, tráfico de escravos interprovincial, expansão da cafeeira por terras virgens para além do Vale do Paraíba, construção de ferrovias, diversificação das atividades econômicas, urbanização e industrialização. Emília preocupou-se em fazer uma “narrativa-explicativa” de um processo histórico que se desenrola ao longo dos 66 anos que separam a proclamação da independência da libertação dos escravos. Com base na riqueza de informações, extraídas das fontes manuscritas e impressas da época sobre a escravidão, reuniu e analisou os elementos estruturais e conjunturais, econômicos, sociais e ideológicos distribuindo-os entre as três partes da tese: Aspectos econômicos da desagregação do sistema escravista; Condições de vida do escravo nas zonas cafeeiras e, finalmente, Escravidão e ideologias. Da Independência à Lei Áurea, a Autora mostra como evoluiu a economia cafeeira, a sociedade e as ideias políticas, de forma a preparar o terreno para o desenlace do sistema escravista.

Para o estudo do esfacelamento do sistema escravista, as áreas escolhidas – Vale do Paraíba e o Centro-Oeste Paulista – foram de extrema

relevância, pois sintetizaram comportamentos social e econômico distintos face ao desmantelamento do sistema escravista. Segundo Emília, três foram seus objetivos fundamentais: em primeiro lugar, demonstrar como evoluiu a economia dessas regiões sob o ponto de vista dos elementos fundamentais para o estudo da desagregação do sistema escravista; em segundo lugar, verificar as transformações ocorridas; e em terceiro analisar a evolução das ideologias (Andrada e Silva; Castro, 1966, p. 275). Seguiu uma preocupação com a narrativa e, ao mesmo tempo, com a interpretação/explicação, de modo, a ressaltar os inter-relacionamentos do econômico, social e político. Desta forma, procurou mostrar como as transformações econômicas se refletiam na sociedade e as desta, por sua vez, se refletiam nas ideologias.

A escritura da tese foi um exercício para a historiadora aprender a melhor maneira de se escrever a História, equacionando certo equilíbrio entre descrições e explicações. De certo modo há a busca de um “método próprio” composto por elementos da ossatura econômica, das condições sociais, das ideias, das ideologias, discussões e formulações legais. Emília afirma que procurou testar algumas teorias de Celso Furtado, o que a levou a insistir em aspectos mais descritivos como forma de comprovar se as teorias ou explicações dadas encontravam respaldo na análise empírica. Outra influência, citada por Emília, foi exercida pela obra de Stanley Stein sobre Vassouras, de onde procurou absorver a análise que combinasse o processo de mudança e o cotidiano (Andrada e Silva; Castro, 1966, p. 271).

A escravidão e o seu término constituíam e constituem, até hoje, um problema crucial da História da sociedade brasileira. O encaminhamento final dado à abolição trouxe enormes consequências para a sociedade brasileira: desigualdades sociais, preconceito racial, marginalidade, dificuldade de integração e adaptação dos descendentes dos escravos, baixos níveis culturais formais. “Tudo deriva do passado próximo cujo conhecimento é essencial para compreensão dos fenômenos atuais”, afirma Emília (Costa, 1966, p. 11).

Nos anos 1960, vários estudos sobre a desagregação do sistema escravista surgiram entre pesquisadores e professores da Sociologia da FFCL/USP, liderados por Florestan Fernandes e Roger Bastide¹⁰ que, ao estu-

¹⁰ Bastide e Fernandes realizaram, em 1955, o estudo *Relações sociais entre negros e brancos*

darem a situação do negro da sociedade brasileira, propuseram estudos sobre a escravidão africana. Esses trabalhos exerceram influência no de Emília, que foi, entretanto, a única a estudar escravidão nas áreas da cafeicultura. Entre os trabalhos dos sociólogos estão os de Fernando Henrique Cardoso, o de Paula Beiguelman e o de Otávio Ianni¹¹. Além da influência dos estudos de sociologia, a tese, no que diz respeito à abordagem das estruturas e das transformações econômicas, foi inspirada em Caio Prado Jr. (1945) e em Celso Furtado (1959).

Emília conclui que a abolição realizada no plano político-parlamentar pelas “categorias dominantes” não se interessou em

resolver o problema do negro, a Abolição significou apenas uma etapa jurídica na emancipação do escravo que a partir de então foi abandonado à sua própria sorte e se viu obrigado a conquistar por si sua emancipação real. [...] O negro marcado pela herança da escravidão, não estando preparado para concorrer no mercado de trabalho e tendo que enfrentar toda sorte de preconceitos, permaneceu marginalizado. (Costa, 1966, p. 466)

Emília tornou-se professora da cadeira de História da Civilização Brasileira em 1964. Permaneceu por poucos anos: em 1969 foi expulsa ou aposentada compulsoriamente da Universidade de São Paulo pela ditadura militar por meio do AI-5, o mesmo ato institucional que expulsou Eulália Lobo, Maria Yedda Linhares, Evaristo de Moraes Filho, Manoel Maurício, Darcy Ribeiro, Hugo Weiss, Guy José P. Holanda e outros da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFil) da Universidade Nacional do Brasil. No grupo de professores da FFCL/USP atingidos pelo AI-5 estavam Florestan Fernandes, Paula Beiguelman, Fernando Henrique Cardoso, João Cruz Costa e Caio Prado Jr. que, mesmo não sendo professor da universidade, foi aposentado compulsoriamente.

Emília, em entrevista por ocasião da entrega do título de Professora Emérita da Universidade de São Paulo, diz considerar que “o período

em São Paulo. Florestan Fernandes defendeu em 1964 sua tese de cátedra da Sociologia da FFCL, intitulada *A integração do negro à sociedade de classes*. Florestan foi pioneiro na crítica ao mito da democracia racial no Brasil (Costa, 2015, p. 196).

¹¹ Paula Beiguelman defendeu a tese *Teoria e ação no pensamento abolicionista* em 1961; Otávio Ianni defendeu no ano seguinte a tese intitulada *As metamorfoses do escravo e*, no mesmo ano, Fernando Henrique Cardoso defendeu a tese *Capitalismo e escravidão. O negro na sociedade do Rio Grande do Sul*.

que se iniciou quando consegui abandonar o ensino secundário para me dedicar exclusivamente à Universidade até a minha aposentadoria em 1969 foi provavelmente o mais fecundo de toda a minha vida” (Bassetto, 1999, p. 23).

O AI-5 levou Emília a trabalhar nas universidades norte-americanas. Foi professora por períodos limitados na Universidade de Tulane, em New Orleans (1970-1971); na Universidade de Illinois, em Champaign-Urbana (1972) e Smith College, em Massachusetts. Finalmente, em 1973, foi para a Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut, onde se tornou professora titular. Lecionou História da América Latina e exerceu o papel fundamental na formação de várias gerações dos “mais talentosos e eminentes historiadores da América Latina” com estudos sobre Brasil e América Latina e Caribe (Green, 2014, p. 9-13).

Emília continuou seus estudos sobre escravidão, reafirmando a análise estrutural econômica, social e política desenvolvida na sua tese *Escravidão nas áreas cafeeiras: aspectos econômicos, sociais e ideológicos da desagregação do sistema de escravista* de 1964. Green (2014, p. 22) no artigo “Emília Viotti da Costa: construindo a História na contracorrente”, sobre o livro publicado 30 anos depois da tese de livre-docência, *Coroas de glória, lágrimas de sangue. A rebelião dos escravos de Demerara em 1823* afirma: “Realmente é uma obra-prima de história social, econômica, política e cultural”. Uma rebelião foi o caminho escolhido pela historiadora para penetrar nos meandros da produção operada pelo trabalho escravo. Uma história contada sob pontos de vista diversos, com base nos documentos dos julgamentos dos escravos e do missionário, nas correspondências entre os missionários em Demerara e seus colegas e superiores na Grã-Bretanha e relatórios oficiais (Green, 2014, p. 23-24). De forma semelhante, Marquese e Salles (2016, p. 126) afirmam que a abordagem sofisticada combina “a análise estrutural e processual com as ações dos agentes históricos”, escravos, senhores e missionários.

O legado deixado por Emília tem muito a nos ensinar.

Obras de Emília Viotti da Costa

Da senzala à colônia. São Paulo: Difel, 1966; 5. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

- Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Grijalbo, 1977; 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- 1932: Imagens Contraditórias*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1982.
- Abolição*. 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- Coroas de glória, lágrimas de sangue. A rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- O Supremo Tribunal Federal e a construção da cidadania*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- Dialética invertida e outros ensaios*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- Brasil. História, textos e contextos*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- Organização da coleção *Revoluções do Século XX* publicada pela Editora UNESP, composta por 20 livros.

Referências bibliográficas

- ANDRADA E SILVA, Raul; CASTRO, Luís Antonio de Moura. Livre-docência na cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n.67, p. 263-284, 1966.
- BASSETTO, Sylvia. Devemos rever a imagem que temos de nós mesmos. *Revista ADUSP* São Paulo, p. 16-29, jun. 1999. (Entrevista com Emília Viotti da Costa)
- COSTA, Emília Viotti da. *Escravidão nas áreas cafeeiras: aspectos econômicos, sociais e ideológicos da desagregação do sistema de escravista*. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1964.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Difel, 1966.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. 5. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- COSTA, Emília Viotti da. *Brasil. História, textos e contextos*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue. A rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH/USP. Processo n°. 46.1.186.8-0; Processo n° 46.1.31.8.6; Processo n° 47-1-14169-1-9; Processo n°. 52-1-3914-5; Processo n° 64.1.1106.8.8.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 12. ed. (1. ed., 1959). São Paulo: Nacional, 1974.
- GREEN, James N. Estudando o Brasil do lado de fora: a complexa relação entre brasileiros e brasilianistas. In: Seminário Internacional (2012). *Anais. Brasileiros e Brasilianistas: novas gerações, novos olhares. Uma homenagem a Emília Viotti da Costa*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014. p. 8-14.
- GREEN, James N. Emília Viotti da Costa: construindo a história na contracorrente.

- Seminário Internacional (2012). *Anais. Brasileiros e Brazilianistas: novas gerações, novos olhares. Uma homenagem a Emília Viotti da Costa*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014. p. 15-24.
- MARCHETTE, Tatiana Dantas. *A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia do Paraná no território acadêmico, 1928-1953*: do poema ao modelo historiográfico. Curitiba, 2013. Disponível em: <www.humanas.ufpr.br/portal/historiapos/files/2013/05/TATIANA1.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2017.
- MARQUESE, Rafael. Capitalismo, escravidão e a economia cafeeira do Brasil no longo século XIX. In: Seminário Internacional (2012). *Anais. Brasileiros e Brazilianistas: novas gerações, novos olhares. Uma homenagem a Emília Viotti da Costa*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014. p. 52-90.
- MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia. In: MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo (Orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX. Cuba, Brasil, Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MESGRAVIS, Laima. Noticiário. Concurso de livre-docência na cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 68, p. 579-589, 4º trimestre 1966
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1967. Primeira edição em 1945.
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Lutas e conquistas das primeiras em História Econômica, 1934-1972. In: SAES, Alexandre Macchione; RIBEIRO, Maria Alice Rosa; SAES, Flávio Azevedo Marques de (Orgs.). *Rumos da História Econômica no Brasil. 25 anos da ABPHE*. São Paulo: Alameda, 2017. p. 141-205.
- SAES, Alexandre Macchione; RIBEIRO, Maria Alice Rosa; SAES, Flávio Azevedo Marques de (Orgs.). *Rumos da História Econômica no Brasil. 25 anos da ABPHE*. São Paulo: Alameda, 2017.